

4 DE OUTUBRO DE 2021

A recessão democrática

Por André Moreira Cunha e Andrés Ferrari, professores do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

“Power is not a means; it is an end. One does not establish a dictatorship in order to safeguard a revolution; one makes the revolution in order to establish the dictatorship. The object of persecution is persecution. The object of torture is torture. The object of power is power.” George Orwell.

A recessão democrática é um vírus global

Em uma era de polarização, a elite política e a sociedade estadunidense encontraram pelo menos um ponto de convergência: a convicção de que a ascensão da China à condição de potência global ameaça a liderança dos Estados Unidos (EUA) no mundo[1]. E, por decorrência, que o poder estadunidense deve ser mobilizado para evitar a vitória do “autoritarismo” e o ocaso da democracia e das liberdades individuais. Biden tem sido ativo na perseguição deste objetivo[2]. Em seus discursos retomou a retórica do internacionalismo liberal e, portanto, a defesa dos “valores universais” e da posição dos EUA como seus propagadores. Na 76ª Assembleia das Nações Unidas, o presidente estadunidense foi categórico: “O futuro pertencerá àqueles que dão a seu povo a capacidade de respirar livremente, não àqueles que buscam sufocar seu povo com mão de ferro ... o autoritarismo do mundo pode proclamar o fim da era da democracia, mas eles estão errados.”[3]

Se Biden deseja salvar a democracia liberal no mundo, talvez seu maior desafio seja resgatá-la dentro de casa. Robert Kagan, um dos mais influentes intelectuais conservadores dos EUA, argumentou recentemente que a sociedade estadunidense já transbordou os limites normais que sustentam a vitalidade das democracias liberais[4]. Para ele, o país flerta com o perigo: “Os Estados Unidos rumam para uma crise política e constitucional dentre as maiores [da sua história], com chances razoáveis de que, nos próximos três ou quatro anos, se multipliquem incidentes de violência extrema, com perda de autoridade do governo federal, e divisão do país entre enclaves em guerra, vermelhos [republicanos] e azuis [democratas].”

Para Kagan, a Constituição do país e as suas instituições políticas têm sido tensionadas nos últimos anos, comprometendo os processos de transição pacífica do poder e o reconhecimento da legitimidade das distintas visões de mundo. O “império da lei” e a moderação no exercício do poder deram lugar às disputas onde todos os meios são aceitos para garantir o poder. Sob a liderança de Trump, o Partido Republicano colocou-se na linha de frente da contestação dos fundamentos da democracia liberal, cuja ruptura abre cenários de violência e instabilidade.

Os tambores da guerra passaram a soar com mais força quando quase metade da população do país acredita que uma nova guerra civil pode se tornar realidade[5]. O notório financista Ray Dalio, fundador do Bridgewater Associates, assume esse cenário como provável, tendo em vista as desigualdades crescentes e a perda de dinamismo econômico: “Acredito que estamos à beira de uma terrível guerra civil ... Estudei os últimos 500 anos de história e de ciclos econômicos: grandes lacunas de riqueza, desequilíbrios significativos nos valores [dos ativos financeiros], dívidas elevadas e desaceleração econômica produzem conflitos e instabilidade”[6].

Tais constatações não são novas e, tampouco, se circunscrevem aos EUA. Em um ensaio de 2014, Larry Diamond, cientista política da Universidade de Stanford, tomou um termo emprestado da literatura econômica para afirmar que o mundo vivia uma “recessão democrática” (“Democracy’s Deepening Recession”[7]). Com base em dados da Freedom House[8], Diamond

deu lustro empírico à sua tese para concluir que: “Na última década, a democracia viveu uma recessão global e há um perigo crescente de que ela se aprofunde e se transforme em algo muito pior”[9]

No caso estadunidense, as tendências iliberais se revelaram antes da era Trump. Em 2015, Diamond já observava que: “Talvez a dimensão mais preocupante da recessão democrática tenha sido o declínio da eficácia democrática, da energia e da autoconfiança no Ocidente, incluindo os Estados Unidos. Há uma sensação crescente, tanto doméstica quanto internacionalmente, de que a democracia nos Estados Unidos não tem funcionado com eficácia suficiente para enfrentar os principais desafios da governança” [10]

A “recessão democrática” tem como contrapartida a expansão de regimes iliberais ou autoritários[11]. O Instituto Variedades de Democracias (University of Gothenburg – Varieties of Democracy Institute) deu o seguinte título ao seu relatório anual de 2021, que mapeia a democracia no mundo: “A ‘Autocratização’ tornou-se Viral”[12]. O V-Dem Institute utiliza informações sobre instituições, políticas e práticas diversas de 202 países, cobrindo o período de 1789 até 2020. Sua base de dados está composta por mais de 30 milhões de entradas, o que permite uma análise multidimensional e com prazos dilatados de tempo sobre o processo de formação e expansão das democracias no globo. A partir dos conceitos e metodologias empregadas neste estudo, 68% da população mundial viveria em países autoritários (contra os 48% verificados em 2010).

Sua escala de mensuração apresenta quatro tipos de regimes – autocracias fechadas, autocracias eleitorais, democracias eleitorais e democracias liberais – os quais traduzem a posição de cada país na escala do seu índice de democracia (V-Dem Liberal) Democracy Index[13]. Este é composto por 71 indicadores individuais que buscam capturar duas dimensões da democracia: a eleitoral[14] e a liberal[15]. Os três países que lideram o ranking de democracia dentre as 187 nações com indicadores completos são Dinamarca (1º), Suécia (2ª) e Noruega (3º). Dentre os países do G7, destacam-se Alemanha (8º), Reino Unido (14º), França (15º), Itália (21º), Canadá (28º) e Japão (30º).

Os EUA estão na 31ª posição, com seu indicador tendo apresentado uma variação negativa entre 2010 e 2020. Trata-se do único país do G7 em que a democracia perdeu força. No âmbito global: “... países se movendo em direção à autocratização superaram os países [com a democracia] em avanço Na América do Norte e na Europa Ocidental e Oriental, nenhum país avançou na democracia nos últimos 10 anos, enquanto ela declinou na Hungria, Polônia, Sérvia, Eslovênia e Estados Unidos”[16].

Em 2020, o indicador global de democracia da The Economist foi o menor desde o início da série histórica, em 2006. O periódico britânico destacou a crise nos EUA, país classificado como uma “democracia falha” (flawed democracy)[17]: “... os níveis extremamente baixos de confiança nas instituições e nos partidos políticos; a profunda perda de funcionalidade dos governos; as ameaças crescentes à liberdade de expressão; e um grau de polarização social que torna o consenso sobre qualquer questão quase impossível de ser alcançado. ... Mais preocupante ainda, a confiança do público no processo democrático sofreu um novo golpe em 2020, com a recusa do presidente [Trump] em aceitar o resultado das eleições.” (Democracy Index 2020, p. 42)

A Freedom House (“Freedom in the World 2021”) indicou que a “recessão democrática” está em curso há pelo menos quinze anos, período no qual o número de países onde há avanços democráticos é inferior ao número daqueles que estão em recuo. O caso da crise na democracia estadunidense é destacado, posto que a percepção global de sua decadência gera um efeito demonstração negativo. Na perspectiva deste estudo: “A exposição das vulnerabilidades da democracia dos EUA tem graves implicações para a causa da liberdade global. Governantes e seus ideólogos em estados autoritários sempre apontaram para as falhas domésticas da América, de modo a desviar a atenção de seus próprios abusos ...”[18].

Os tambores da guerra retumbam em casa

Biden tem sido incansável em reafirmar sua defesa da reconciliação nacional, da democracia e da posição do país enquanto um farol para o mundo: “Podemos fazer da América, mais uma vez, a principal força do bem no mundo.”[19]. Desde os primeiros dias de seu governo, o líder democrata procurou traduzir suas palavras em medidas concretas e ousadas: seus planos de combate aos efeitos da pandemia, de inclusão social e de renovação da infraestrutura atingem montantes de aproximadamente US\$ 7 trilhões. Em alguns casos, obteve apoio da oposição republicana, especialmente para investimentos em infraestrutura. Em outros, dá-se o oposto, com a rejeição de gastos que impliquem no enfrentamento das desigualdades sociais ou de aumento da tributação dos ricos.

Uma das evidências mais contundentes da disposição ao conflito por parte da nova direita estadunidense está na discussão sobre o teto de endividamento. A principal regra fiscal dos EUA define limites para o endividamento do governo federal. No caso de as receitas tributárias (e outras) ficarem abaixo dos gastos correntes, resta ao governo emitir dívida e tomar tais recursos do mercado financeiro. Isso é particularmente útil quando as taxas de juros reais estão abaixo do crescimento potencial do produto interno bruto (PIB), o que tem sido o caso dos EUA há mais de uma década. Atualmente, a única restrição ao endividamento é a regra do teto. Se ele não for elevado, o governo será paralisado e os credores não receberão o que esperam. Uma crise de endividamento nos EUA não é inevitável, pelo contrário. Os investidores privados seguem dispostos a emprestar ao Tesouro.

A definição de limites legais para o endividamento está registrada na oitava seção do artigo primeiro da Constituição dos EUA, a qual permite o governo federal se financiar por meio de empréstimos. Até a primeira guerra mundial, tais autorizações se davam “caso a caso”. Depois foi estabelecido um limite agregado, de modo a dar maior flexibilidade à gestão do gasto. A versão atual da legislação é resultado de medidas legislativas tomadas entre 1939 e 1941. De acordo com os dados do Tesouro dos EUA, desde 1960 houve 78 alterações temporárias ou definitivas do teto, 49 delas em governos republicanos e 29 em gestões de democratas[20].

Na maioria dos casos, o consenso e a tranquilidade prevaleceram nos processos legislativos. Porém, os conflitos neste tema tornaram-se maiores no período recente, particularmente durante o governo Obama. A paralisação da administração federal e o rebaixamento do *rating* da dívida federal foram consequências das disputas políticas radicalizadas, onde o objetivo central é inviabilizar o “inimigo”. Atualmente, o Congresso avalia nova ampliação. Se a mesma não ocorrer ainda em outubro, o governo federal não poderá funcionar normalmente. Se, no passado, o teto foi flexibilizado para viabilizar os gastos de guerra, no presente a rigidez fiscal tornou-se mais uma arma da “guerra política e cultural”.

Tratar adversários como inimigos que devem ser eliminados e lançar mão de todos os meios possíveis para tanto é uma das facetas mais visíveis da crise estadunidense. Os discursos de Biden não parecem ter o condão mágico de reverter o quadro de negação dos fundamentos da democracia liberal. Além dos temas fiscais, que definem a possibilidade ou não de transformar o país a partir da ação estatal, a batalha em curso envolve o controle de várias outras legislações, particularmente as eleitorais, que são mais descentralizadas. O “vale tudo” para o controle dos resultados eleitorais está minando a própria crença na democracia. Assim, os EUA seguem divididos e quase metade do país sequer reconhece a legitimidade do mandato de Biden.

O neoliberalismo solapou a democracia liberal

Noam Chomsky é uma das principais vozes críticas ao *establishment* estadunidense. Para ele, a “... *própria concepção dos princípios neoliberais é um ataque direto à democracia*”[21]. O uso do poder estatal para proteger e estimular os ricos e, principalmente, para eliminar a mobilidade social ascendente para a maioria da população solapou a confiança da população nas instituições tradicionais. Nas últimas quatro décadas, os EUA se consolidaram como o país de alta renda onde a distância entre ricos e pobres mais avançou, particularmente nos momentos de crise[22].

Depois da crise financeira global de 2007-2009 e, mais recentemente, com a pandemia da Covid 19, os problemas econômicos e sociais estruturais se agravaram, conforme detalhamos em outros artigos[23]. A renda, a riqueza e o poder político real se concentraram em parcelas ínfimas da população, nos EUA e no mundo, deixando para trás as camadas não proprietárias. Como nos alerta Noam Chomsky, as políticas derivadas do neoliberalismo são incompatíveis com a sustentação de sociedades democráticas. Da mesma forma, Ray Dalio escutou os tambores da guerra que ameaçam as democracias liberais: seus sons se originam na desigualdade crescente e na estagnação econômica[24]. Com o neoliberalismo, as elites abandonaram quaisquer compromissos com a sustentação da democracia, conforme nos alertou o historiador Christopher Lasch (*The Revolt of the Elites and the Betrayal of Democracy*, 1995).

A maioria da população estadunidense perdeu a fé nos seus governos. Antes de assumir, o 46º já se defrontava com a polarização e a crise de legitimidade da instituição presidencial. De acordo com as pesquisas de opinião da Euroasia[25], somente 39% dos eleitores diziam confiar “muito” ou “bastante” no seu presidente, o pior resultado da série histórica. Há três décadas, no auge do poder unilateral dos EUA, após a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, tal indicador atingia 72%. Trump e seus seguidores têm sido bem-sucedidos em enraizar na população do país a tese de que a eleição de 2020 foi fraudada. Com isso, quase metade dos eleitores não creem na legitimidade do mandato de Biden. Para os analistas da Eurasia, esta situação não teria precedente na história das democracias liberais em países de alta renda.

Sem coesão social e política interna, Biden não consegue se apresentar como uma liderança global à altura de suas expectativas e promessas. Os tambores da guerra ecoam pelo mundo e sinalizam que a divisão do país está longe de ter sido mitigada. E que, ademais, as instituições estadunidenses parecem não ter força para conter um futuro ciclo de maior radicalização[26]. Para Larry Diamond, responsável pela popularização da expressão “recessão democrática”: “O fracasso da democracia americana seria catastrófico não apenas para os Estados Unidos; também teria profundas consequências globais, em um momento no qual a liberdade e a democracia já estão sob cerco.”[27].

Trump se negou a submergir nas brumas do comedimento esperado para um ex-presidente. Ele já está em campanha e lidera o movimento iliberal estadunidense. Pessoas e instituições que contiveram sua tentativa de golpe em 06 de janeiro são alvos da fúria da extrema direita, inclusive as lideranças mais tradicionais do GOP. Com 74 milhões de eleitores em 2020, Trump obteve o segundo melhor resultado da história no voto popular. Ele logrou consolidar um Supremo Tribunal conservador, controla um dos dois grandes partidos do país e conduz um rebanho imenso de fiéis, os quais acreditam em tudo o que ele diz. A busca de um novo mandato, custe o que custar, está no seu horizonte e nos sonhos de outras lideranças iliberais estadunidenses[28].

Para os eleitores de Trump, a ciência, a mídia tradicional, os especialistas e as instituições estatais conspiram contra o “cidadão comum”, o “homem de bem”. São parte do “sistema”, da elite que conspira contra o povo. Para a salvar a “sua democracia” e as “suas liberdades”, estão dispostos a pegar em armas. Para os “patriotas” e “democratas” da direita iliberal estadunidense, lutar contra o sistema é um dever, assim como é seu destino seguir o líder que responde pelos seus anseios[29]. As massas rejeitadas pelo neoliberalismo se revoltaram contra a democracia, já há muito abandonada pelas próprias elites. Por isso mesmo, um dos maiores especialistas na análise dos movimentos de extrema-direita, Lawrence Rosenthal, argumenta que o ressentimento é o combustível do populismo tóxico (“Empire of Resentment: Populism’s Toxic Embrace of Nationalism”, 2020). Se ele está correto, quatro décadas de neoliberalismo produziram energia mais do que suficiente para alimentar os conflitos do presente e do futuro.

[1] Ver: <https://foreignpolicy.com/2020/11/09/biden-china-republicans-democrats-congress/>;
<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2021/03/22/a-momentous-shift-in-us-public-attitudes-toward-china/>;
<https://www.pewresearch.org/global/2021/03/04/most-americans-support-tough-stance-toward-china-on-human-rights-economic-issues/>; <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/06/04/democrats-republicans-seem-agree-about-one-foreign-policy-point-getting-tough-china/>;

[2] Ver: <https://www.ufrgs.br/fce/biden-e-seus-rivais/>; <https://www.ufrgs.br/fce/o-telefonema-e-os-submarinos-biden-e-as-ilusoes-liberais/>.

[3] “The future will belong to those who give their people the ability to breathe free, not those who seek to suffocate their people with an iron hand.... the authoritarianism of the world may seek to proclaim the end of the age of democracy, but they’re wrong.” Ver: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/09/21/remarks-by-president-biden-before-the-76th-session-of-the-united-nations-general-assembly/>

[4] Ver: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2021/09/23/robert-kagan-constitutional-crisis/>

[5] Ver: <https://www.bu.edu/articles/2019/are-we-headed-for-another-civil-war/>;
<https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2021/09/16/is-the-us-headed-for-another-civil-war/>;
<https://zogbyanalytics.com/news/997-the-zogby-poll-will-the-us-have-another-civil-war>.

[6] “I believe we are on the brink of a terrible civil war... I’ve studied the last 500 years of history and cycles: large wealth gaps with large values gaps at the same time that there’s a lot of debt and there’s an economic downturn produces conflict and vulnerability”. Ver: <https://www.businessinsider.com/bridgewater-ray-dalio-us-civil-war-political-wealth-gaps-2021-1>.

[7] Ver: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2014/05/the-deepening-recession-of-democracy/361591/>.

[8] Ver: <https://freedomhouse.org/countries/freedom-world/scores>.

[9] “Democracy has been in a global recession for most of the last decade, and there is a growing danger that the recession could deepen and tip over into something much worse.” (“Facing Up to the Democratic Recession”, Journal of Democracy, 2015, v.26, l. 1, p. 153).

[10] “Perhaps the most worrisome dimension of the democratic recession has been the decline of democratic efficacy, energy, and self-confidence in the West, including the United States. There is a growing sense, both domestically and internationally, that democracy in the United States has not been functioning effectively enough to address the major challenges of governance.” (*idem*, p. 152).

[11] Estudos posteriores aos de Diamond sugerem que o movimento rumo à disseminação da democracia foi amplo e intenso até meados dos anos 1990, com uma tendência clara e forte de reversão no século XXI. Analistas influentes como Timothy Snyder (“On Tyranny: Twenty Lessons from the Twentieth Century, 2017), David Runciman (“How Democracy Ends”, 2018), Francis Fukuyama (“Identity: The Demand for Dignity and the Politics of Resentment, 2018), Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (“How Democracies Die”, 2018), Adam Przeworski (“Crises of Democracy”, 2019), Noam Chomsky (The Precipice: Neoliberalism, the Pandemic and Urgent Need for Social Change, 2021), Heather Cox Richardson (“How the South Won the Civil War: Oligarchy, Democracy, and the Continuing Fight for the Soul of America”, 2021), para citar alguns, se debruçaram sobre este tema tão candente, tanto para o caso estadunidense, quanto em uma perspectiva mais global. Suas referências teóricas e inclinações políticas são diversas, porém as conclusões mais gerais sugerem que a crise da democracia liberal não é um fenômeno simples ou passageiro.

[12] Ver: Democracy Report 2021, <https://www.v-dem.net/en/publications/democracy-reports/>.

[13] “The V-Dem Liberal Democracy Index (LDI) captures both liberal and electoral aspects of democracy based on the 71 indicators included in the Liberal Component Index (LCI) and the Electoral Democracy Index (EDI). The EDI reflects a relatively ambitious idea of electoral democracy where a number of institutional features guarantee free and fair elections such as freedom of association and freedom of expression. The LCI goes even further and captures the limits placed on governments in terms of two key aspects: The protection of individual liberties, and the checks and balances between institutions.” (Democracy Report 2021, p. 42)

[14] “The V-Dem Electoral Democracy Index (EDI) captures not only the extent to which regimes hold clean, free and fair elections, but also their actual freedom of expression, alternative sources of information and association, as well as male and female suffrage and the degree to which government policy is vested in elected political officials.” (*idem*, p. 43)

[15] “In V-Dem’s conceptual scheme the liberal principle of democracy embodies the importance of protecting individual and minority rights against both the tyranny of the state and the tyranny of the majority. It also captures the “horizontal” methods of accountability between more or less equally standing institutions that ensure the effective checks and balances between institutions and in particular limit the exercise of executive power. This is achieved by strong rule of law and constitutionally protected civil liberties, independent judiciary and strong parliament that are able to hold the executive to account and limit its powers. The three indices that capture these dimensions are: the equality before the law and individual liberties (v2xcl_rol), judicial constraints on the executive (v2x_jucon), and legislative constraints on the executive (v2xlg_legcon). Taken together they measure the V-Dem Liberal Component Index (v2x_liberal).” (*idem*, p. p.44)

[16] Democracy Report 2021, p. 18.

[17] “The Economist Intelligence Unit’s Democracy Index provides a snapshot of the state of democracy worldwide in 165 independent states and two territories. This covers almost the entire population of the world and the vast majority of the world’s states (microstates are excluded). The Democracy Index is based on five categories: electoral process and pluralism, the functioning of government, political participation, political culture, and civil liberties. Based on its scores on a range of indicators within these categories, each country is then itself classified as one of four types of regime: “full democracy”, “flawed democracy”, “hybrid regime” or “authoritarian regime”. (“Democracy Index 2020: In sickness and in health?”, p.3). Ver: <https://www.economist.com/graphic-detail/2021/02/02/global-democracy-has-a-very-bad-year>

[18] “The exposure of US democracy’s vulnerabilities has grave implications for the cause of global freedom. Rulers and propagandists in authoritarian states have always pointed to America’s domestic flaws to deflect attention from their own abuses ...” (Freedom in the World 2021, p. 9).

[19] “We can make America, once again, the leading force for good in the world”. Ver: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/01/20/inaugural-address-by-president-joseph-r-biden-jr/>

[20] Ver: <https://home.treasury.gov/policy-issues/financial-markets-financial-institutions-and-fiscal-service/debt-limit>;

[21] “The very design of neoliberal principles is a direct attack on democracy”. A citação original do autor é de um ensaio de 2010, republicado em seu livro “Hopes and Prospects”. Ver:

<https://www.newstatesman.com/uncategorized/2010/06/chomsky-democracy-latin>

[22] Ver: <https://inequality.org/facts/wealth-inequality/>.

[23] Ver: <https://www.ufrgs.br/fce/biden-e-a-rebeliao-das-elites/>; <https://www.ufrgs.br/fce/a-marcha-da-insensatez/>;
<https://www.ufrgs.br/fce/as-nuvens-no-horizonte-da-economia-global/>

[24] Ver: <https://www.marketwatch.com/story/the-u-s-is-at-a-tipping-point-that-could-lead-to-civil-war-warns-the-worlds-biggest-hedge-fund-manager-11606922363>; <https://twitter.com/raydalio/status/1353408208082112512>.

[25] Ver: <https://www.eurasiagroup.net/files/upload/top-risks-2021-full-report.pdf>

[26] “The major risks of 46* are domestic, but the consequences of no-holds-barred party warfare extend beyond America’s borders ... Biden will try to reassert American leadership in global affairs, but polarization and an inability to manage crises at home means the US won’t inspire as much new confidence as Biden hopes.” (Top Risks 2021, p. 4).

[27] “The failure of American democracy would be catastrophic not only for the United States; it would also have profound global consequences at a time when freedom and democracy are already under siege” “A World Without American Democracy?” (Foreign Affairs, July 2021). Ademais: “A prolonged global democratic recession has, in recent years, morphed into something even more troubling: the “third reverse wave” of democratic breakdowns that the political scientist Samuel Huntington warned could follow the remarkable burst of “third wave” democratic progress in the 1980s and the 1990s. Every year for the past 15 years, according to Freedom House, significantly more countries have seen declines in political rights and civil liberties than have seen gains. But since 2015, that already ominous trend has turned sharply worse: 2015–19 was the first five-year period since the beginning of the third wave in 1974 when more countries abandoned democracy—twelve—than transitioned to it—seven.” (<https://www.foreignaffairs.com/articles/americas/2021-07-02/world-without-american-democracy>).

[28] “Trump himself won the second-largest number of popular votes in American history (74 million), and Republicans won enough votes down ballot to make inroads in the House of Representatives as well as critical gains in statehouses and legislatures. Add Trump’s success in creating a decisively conservative Supreme Court, most recently with Justice Amy Coney Barrett replacing the late Ruth Bader Ginsburg, and Biden will emerge with the weakest mandate since Jimmy Carter in 1976.” (Top Risks 2021, p. 3).

[29] Após as eleições de 2020, pesquisadores da Universidade de Berkley contataram que: “To understand why so many voted to re-elect Trump after four years of historic political turmoil — featuring a failed pandemic response, a devastating economic shock and a crisis in racial justice — it’s necessary to understand the forces that propelled him to victory in 2016. In recent publications, Berkeley scholars have suggested that Trump won with an unconventional coalition of white working class and middle-class Americans who were motivated by resentment: The culture and economy gave them no recognition and no respect for their work. Their industries were changing, their jobs were shifting overseas or lost to automation. They perceive that Black, Latinx and Asian people, and immigrants, are advancing at their expense.” Ver: <https://news.berkeley.edu/2020/12/07/despite-drift-toward-authoritarianism-trump-voters-stay-loyal-why/>

📍 INFORMAR ERRO

📁 ANÁLISE: CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL

ARTIGO